Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Casa de
Oswaldo Cruz

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ

WALDEMAR DE SOUZA

(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - Memória do Centro de Pesquisas René Rachou

Entrevistado - Waldemar de Souza (WS)

Entrevistadores - Lisabel Espellet Klein (LK) e Eduardo Vilela Thielen (ET)

Data - 29/08/1990

Local - Belo Horizonte/MG

Duração – 30min

Transcrição - Nathacha R. B. Reis

Conferência de fidelidade - Laurinda Rosa Maciel

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

SOUZA, Waldemar de. *Waldemar de Souza*. *Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória do Centro de Pesquisas René Rachou*, 1990. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 12p.

Data: 29/08/1990

Fita 1 - Lado B

WS - ... lá no Rio aquela velha fumaça, não era contratado por lá ainda não, entendeu? Trabalhei uns quatro anos assim, a velha fumaça as pessoas contratam tudo, mas não é registrado pelo CLT nem é funcionário. Então naquela queda do Getúlio que assassinaram, foi morto, suicidado, eu trabalhava lá na Fundação, lá na Cidade das Meninas, trabalhava no restaurante, com o pessoal daqui todo.

ET - Na Cidade das Meninas?

WS - Na Cidade das Meninas, era o abrigo Cristo Redentor, lá era uma fundação Getúlio Vargas e eu acho que ainda é até hoje, não é?

LK - É, era Darcy Vargas, né a esposa dele que fez.

WS - Eu trabalhava neste circuito que funcionava, sempre esperava aqueles colegas, que me enchia muito o saco na repartição, eu trabalhava no restaurante, servia de garçom lá de dia e de noite, prá receber carne, encomenda... então não devia ser funcionário, mas estava enrolando eles que na queda do Getúlio, houve um golpe naquela época. Tiraram o... entrou lá um brigadeiro, acho que o Eduardo Gomes, Juarez Távora, e nessa sorte que eu tive, eu conversei com Dr. Rachou que foi um dos fundadores do Instituto aqui. E ele como é muito bacana, ele já é morto, eu devo muita obrigação a ele, então aí ele falou, "Você quer ir prá Belo Horizonte, Waldemar", olha eu vou prá qualquer parte do Brasil, eu estou aqui, eu sou solteiro, eu saí com cinco anos de casa de idade, comi o pão que o diabo amassou, né.

ET - O senhor é de onde?

WS - Eu sou do Espírito Santo, mas eu saí de casa com cinco anos porque era uma outra pessoa que ia sair, eu ia estudar e trabalhar na casa de um político que era do antigo PMDB. Aí o outro que era prá ir, não quis ir, que era o irmão meu, teve medo de sair de casa e eu toda vida eu vivendo por ele, entendeu? Aí eu saí e fui prá casa desse senhor, aí o primeiro emprego meu, público, na época era prá eu trabalhar na Prefeitura.
Eu era contínuo, era zelador de cemitério, fazia sepultura. Naquela época se usava muito ouro, as pessoas enterravam muito ouro na boca, então a gente tirava lá, o coveiro, vez ou outra, pegava um cadáver, abria a boca com a picareta e tirava aquele ouro com uma pinça prá vender pro primeiro dentista. Então foi quatro anos, na derrota do prefeito, seu Tinoco, fui criado por esse prefeito, então aí tive uma chance de eu ir pro Rio. Aí a enteada do prefeito, quase à força, trabalhava prá aqueles Caiado de Castro, senador tinha o general Caiado de Castro, então eu fui trabalhar no Rio. Aí no Rio, fui explorado uns quatro anos trabalhando sem carteira, dei minha carteira prá assinar, ninguém assinou, era na verdade, escravo da turma no Rio, né.

ET - O que o senhor fazia na Cidade das Meninas?

WS - Lá na cidade das Meninas trabalhava em restaurante. Até o apelido do dono lá era Zé Sombrinha, ele deve estar em Volta Redonda, mas disseram que ele morreu, ele era de Volta Redonda. Ele que explorava meus serviços na fundação lá, que era o antigo Serviço de Malária, entendeu? Daquele golpe do Getúlio, que acabou o serviço deles aqui, e aí o Dr. Rachou você quer ir prá Belo Horizonte, eu falei 'eu vou prá qualquer parte do Brasil, ou do mundo, que eu tou sozinho aqui mesmo'. E aí vim parar aqui, mas já vim nomeado, que naquela época era o Dr. Mário Pinotti, lá que era o diretor. O Dr. Pinotti era o ministro da saúde na época, aí falaram assim, que aí ele arrumou, e mandaram eu vir prá aqui. Mandaram eu escolher, eu nunca tinha andado de avião, fiquei com medo de avião; naquela época era Cruzeiro do Sul, aí eu saí de lá uma tarde, fui de avião, cheguei aqui escurecendo. Vim aqui, me apresentei, eles me mandaram pro hotel Havana aqui, que era o hotel que hospedava todos os funcionários que vinham do Rio. Mas já vinha nomeado, entendeu? Em 55, e quatro anos fiquei lá, quatro anos perdi, mas tomei conhecimento, sofri mas aprendi a viver, né?

Aí cheguei aqui, meu primeiro emprego antigo foi dar faxina. Trabalhei mais ou menos um mês, então mês de experiência, conhecimento, reconheci o pessoal que veio de lá, o Dr. Rachou, e ele me tirou da limpeza. Aí fui pro laboratório... não, aí fui pro almoxarifado, trabalhar com o Francisco Guedes, que hoje é o chefe do almoxarifado, aí fiquei com ele mais ou menos de seis meses a um ano. O Dr. Rachou ainda ficou mais ou menos bastante tempo aqui na fundação na época. Ele foi o fundador aqui, gostava da turma, todo mundo queria trabalhar com ele, ele era um grande pesquisador e era uma camarada que era enérgico também. Não gostava de ver a pessoa fazer molinho, não, né? Chamava a atenção e mandava ir prá sala. Eu acho que um chefe devia ser assim, até hoje tem que ser duro porque o funcionário dele é prá trabalhar, eu sempre pensei assim, a minha mentalidade foi essa, né.

Bom, eu tava aí, trabalhei um ano, com Francisco Teles no almoxarifado, daí me promoveram e levaram eu pra um laboratório. Eu era guarda de campo naquela época, entendeu? Aí fiquei como guarda de campo até que um dia me puseram na portaria prá me perseguir. Naquela época mais vivo ainda, eu não tive medo de falar com ele prá ele me perseguir, puseram na portaria, que era Dr. Roberto. Aí nessas alturas tinha mais ou menos um mês na portaria. Era jovem ainda, solteiro, quando um dia o atual, que foi diretor lá na firma, em Manguinhos, Dr. Amilcar Viana Martins, tinha muita amizade, gostava muito de mim, tanto de eu como da minha patroa, entendeu? Aí um dia chegou do Rio aí um domingo, e naquela época, o pessoal ainda vinha igual como vem até hoje, vem de manhã, vem de tarde. Então o seguinte, eu tava na portaria à tarde, fechei a porta, entrei no gabinete que tava aberto, tem as poltronas e fui, peguei e dormi lá. Peguei e dormi e nisso chegou o Dr. Roberto que era o diretor daqui e o Dr. Amilcar, presidente da fundação no Rio, lá em Manguinhos, diretor, não sei na época, não é? Chegou tocou e nada de eu abrir a porta, tava tirando meu ronco, era uma tarde de domingo, né, falei, ninguém vai vir aqui na repartição. Dr. Zigman tinha entrado, estava lá no laboratório pesquisando o negócio, a cepa dele lá; era muito importante essa pesquisa, que não sei o que, e foi lá durante o dia, depois à noite, sábado, domingo, né, aí Dr. Zigman escutou a campainha tocando e desceu, abriu a porta e ao invés de procurar me achou dormindo, ainda tive que o professor Amilcar

chamou o Dr. Roberto no cantão, “Mas não é possível um rapaz desse”, “Ele é meu amigo, se ainda fosse velho, mas um rapaz novo, isso não é serviço prá um rapaz novo, não, portaria, você vai ter que (...) amanhã, né, amanhã você troca ao portaria”. E aquilo eu fiquei satisfeito, um cara desse prá me defender, aí ele me designou prá trabalhar com o [Wladimir] Lobato Paraense, que tá lá no Rio hoje, eu trabalhei com ele aqui muitos anos, mas ele, fui trabalhar com Lobato, que ele era muito duro. Dr. Lobato foi muito duro aqui dentro, com ele também nego não brincava, não. Chefe tem que ser duro e honesto.

Aí trabalhei com Lobato uns quatro a cinco anos. Quando ele foi convidado, eu vi a história, quando ele foi convidado prá ir prá Brasília, assumir lá a faculdade lá de Brasília, a Universidade de lá, eu trabalhava com ele, mas ele não me convidou prá eu ir não. Senão eu tinha ido! Ele era sujeito muito simpático, gostei do sistema dele, enérgico, duro, direito, sempre me valorizou muito, e daí que eu mudei a minha posição de guarda de campo, prá técnico de laboratório, isso foi lá prá mais ou menos 60, 60 e tanto, né?

Bom aí, ele foi prá Brasília, depois eu sei que saiu do Brasil, uns quatro, cinco anos ele saiu do Brasil, e foi pro Rio já, né, já foi lá prá uns 70 e tanto, já, né. Eu permaneci aqui, então, passou muitos chefes, muitos diretores, e luta a gente que é funcionário menos angariado, a gente tá sempre firme, né? A gente não pode esquentar a cabeça e tem que ficar esperando ver o que que dá. Sempre quando muda de governo muda de diretoria, né? Então, nisso Lobato rodou bem por Brasília, pro Rio depois, e lá ficou, umas três vezes eu já fui à Fundação no Rio e visitei ele lá, e parece que ele gosta de bater um papo com a gente, porque eu sempre trabalhei com dedicação prá ele. Tudo o que eu fazia, que eu trabalhava numa casa grande, prá fazer um servicinho particular sempre depois do horário, almoçava lá, às vezes jantava na casa dele.

Então aí foi a minha história, da Fundação desde o Rio até aqui. Portanto eu cheguei a elogiar a Fundação aqui porque eu acho que ninguém teve mais mérito de promoção do que eu, porque entrar prá varrer o chão prá chegar hoje agora esse ano que passou, tudo que eu tinha direito, todo direito que eu tive aqui, porque tive uma reprise de promoção, cheguei num ponto final de carreira, parece, né? Então eu acho que o único setor prejudicado foi o do dr. Roberto que hoje parece que foi encostado no Rio, né? Mas ele percebeu que merecia porque quando o Dr. Amilcar chamou a atenção dele, eu persigo isso, né, o Lobato ajudou muito porque essa promoção de guarda de campo para técnico de laboratório naquela época era todo mundo.

O Dr. Pedro acho que nem trabalhava naquela época, que ele trabalhou como técnico no Rio Grande do Sul uns tempos, né, então agora a última promoção que eu tive agora quando foi o Naftale Katz que é o diretor (...) A gente nota o que eles fazem, né, então que (...) é a diretoria do Centro, eu cheguei agora a mudar de função para técnico de pesquisa, que é um cargo quase que hoje existe como superior nisso, eu senti muito feliz, esse tempo todo que eu passei na fundação que eu acho que é uma grande empresa. Se não me engano, eu tenho impressão que deve ser uma da segunda ou terceira do Brasil ou do mundo. Eu sempre falo isso, eu falo sempre que é a primeira, mas eu acho que deve ser uma das duas ou três maiores fundações do Brasil ou do mundo, porque a gente sempre fica à vontade aqui dentro, né?

Trabalhou direito a gente consentia, mas se trabalhou errado, é lógico que a gente não vai merecer um dia sair mais cedo ou falhar um dia, né, eu acho que a gente tem que se sentir honrado com isso, e mais que a gente já reivindicou há poucos dias da direção da ASFOC o seguinte: desejam muitos conhecer lá Manguinhos, que é o desejo de muitos que não

conhecem. Tem gente em final de carreira como eu estou, eu conheço Manguinhos, mas não o total lá por dentro, laboratórios, esses sistemas, funciona lá mas é uma coisa que eu acho que a gente merecia, esse colega meu merecia ir lá conhecer uma instituição nossa que está arriscado a pessoa se aposentar sem conhecer, entendeu?
Essa é a minha história, né, desde a prefeitura, até o restaurante da Fundação, onde o pessoal me prejudicava muito; a ordem que eu tinha do chefe da cozinha era bife à cavalo pro fulano numa mesa, bife à milanesa prá outro, a outra é ovo só frito, e teve um dia lá que teve um crioulão que arrancou uma faca em cima de mim, só faltou me dar uma punhalada. Fui correr dentro, a turma deixa disso, e eu escondi debaixo de uma mesa, e esse funcionário creio que já é aposentado já, porque a gente fez opção aqui em 75, e eu acho que a gente foi pouco prejudicado, porque a gente deu crédito à Fundação, à Manguinhos, e no entanto ele ficou muito tempo aqui por baixo, porque aqueles que saíram correndo, que não quiseram acreditar na Fundação, muitos foram prá universidade, outros foram transferidos prá outro lado, porque não teve medo de pular no escuro. Que quando eu fiz opção pela Fundação já tava com 20 anos de serviço público. E hoje já estou com mais de 35 anos já tive mais quatro anos de prefeitura, já vou prá quarenta, eu acho que estou em final de carreira. A não ser que a Fundação cancele, não queira que eu continue mais uns tempos eu posso até continuar a partir de 91. Terminando o ano, vai muito rápido; então eu acho que é a história que eu tinha que contar. Passei por muitos diretores aqui, semestre passado (...) que trabalha lá, né.

ET - Senhor Waldemar, quando o senhor veio aqui prá Belo Horizonte, pensar assim aquela época em que o senhor veio prá cá e hoje. O que que mudou mais?

WS - Olha eu acho que a mudança só vem melhorando, não tem nada de piorar. Eu acho que a gente acreditou, e a gente não tá mal, que eu vejo, passo por aí, eu ando muito, porque, às vezes eu passo pela universidade, que tem o laboratório, e trabalho vou radiar camundongo, às vezes, duas vezes por semana, um reator lá na Pampulha. Então o que eu acho é o seguinte: mês de julho, que ainda tem um direitinho a mais, pegou uma salubridade melhor, que a gente ganha só 20% sobre o salário mínimo, eu acho que é um absurdo, isso é uma esmola; eu acho que isso é uma esmola, a gente não precisa de esmola, porque quem ganha insalubridade, na verdade é uma esmola, porque eu mexo com bicho (...) inoculado, sangrando às vezes, sacode uma calda, e às vezes não tem assim um, material de certa segurança, como guarda-pó. A Fundação mandou o ano passado foi pedido, veio guarda-pó de manga curta, ainda posso provar que eu tenho aí. Eu uso eles pouco, aqueles de manga curta, porque de manga curta, a dificuldade é que sangrou, um sangue com [Doença de] Chagas aí a gente tá contaminado, tá condenado, né? Então eu procuro sempre trabalhar mais seguro, porque se eu contaminar uma Chagas, aí eu estou condenado à morte, porque não tem cura. Tem 30 anos que é pesquisada a Chagas, por controle, controle e eu não vi, ninguém tá curado ainda, entendeu? Por isso tou dizendo que a gente precisa trabalhar seguro, né, mas de qualquer forma acho que vem crescendo, vem melhorando muito, da época prá cá, entendeu? A gente pulou no escuro e acho que foi um tiro acertado que eu dei, e os colega meu que eu vejo nos outros lugares tá pior que a gente, entendeu? É isso.

LK - O senhor trabalha com [Doença de] Chagas?

WS - É, doença de Chagas. Trabalho com Chagas; houve uma época que tinha muito prestígio, mas ultimamente eu noto que parece que tá meio desprestigiado, entendeu? Não é à toa que eu observo aí nas minhas paradas, a gente pede certas coisas e não consegue, né? Mas eu acho que esse chefe é fraco, não, né, que depois a gente, até eu passo meus apertos, peço meus companheiros lá que trabalham comigo, não sabem o que querem, entendeu?

ET - O senhor lembra assim algum episódio relacionado à pesquisa, curioso, que o senhor podia contar prá gente? Algo que marcou a sua trajetória aqui?

WS - Eu acho que a pesquisa aqui, que a gente observa, sempre tá tendo uma descoberta aí, se desenvolvendo bem, eu acho que, tem melhorado muito essa área de controle de doença e tudo, tanto malária, como das Chagas, da esquistossomose, vem descobrindo muitas coisas aí, vacina, né, e tem melhorado muito, a parte da pesquisa, que eu acho que isso que nós mexemos aqui, não é isso ?

LK - Sr. Waldemar, mas o senhor foi guarda-de-campo?

WS - Fui guarda-de-campo.

LK - O senhor trabalhava em ...

WS - Eu aqui eu trabalhava na Cidade [das Meninas] na ativa quando era tudo mato ainda em 1956, com a doutora Lina, ...

LK - Ah, com a doutora Lina.

WS - É, que o Heitor Moraes faleceu, mas depois, na falta de pessoas capacitadas prá enfrentar o mato aí a gente ia pro mato, pesquisar caramujo, colher prá examinar em laboratório, com uma lâmpada assim muito ruim prá tirar assim a capa e num colar tudo em cobaia. Os antígenos depois, prá preparo de antígenos, né, então o serviço que no momento que a gente aceitou trabalhar na Fundação, a gente aceitou fazer de tudo que a gente, que é dar colaboração da gente a todas as pessoas. Logo que quando o Naftale [Katz] entrou prá aqui eu achei bom o plano dele, porque ia fazer revezamento de laboratório prá laboratório, ir de laboratório em laboratório prá gente tomar o conhecimento geral de todos os laboratórios, seja da esquistossomose, ou Chagas ou, enfim tudo aí, mas confesso que aquilo foi só uma conversa. Não houve nenhum desse problema, não, que eu acho que se houvesse esse entrosamento seria bom. A Fundação se fizesse isso inclusive, muitas pessoas aí que às vezes tá a vida toda no laboratório não desenvolve porque às vezes se jogar ele prá ele ficar uns tempos em outro laboratório, ele vai aperfeiçoar mais, acho que eles sempre pedem na pesquisa, podia fazer um revezamento assim, uma troca de funcionários, né?

ET - E por que o senhor acha que isso não aconteceu?

WS - Eu não sei. Talvez por causa do fato de entendimento de um chefe com outro, porque isso eu vejo, política, né, um pesquisador acha que ele tem muito trabalho, que ele é melhor que outro e não procura um intercâmbio. Eu acho que a pesquisa tem que ser, todo mundo sentado numa mesa e discutir, né?

ET - E isso não ocorre?

WS - Não, eu tenho notado que isso não tem ocorrido aqui; não sei se no Rio ocorre. Se eu fosse passear no Rio assim, num fim de semana, numa sexta-feira, que tem menos expediente que é mais fraco, por que a gente corre muito de segunda a quinta, entendeu? Sexta a gente já vai mais lento, (...) eu já pedi ao nosso representante da ASFOC que é coordenador Rodrigo, prá ver se vem isso na mão da gente prá ver se a gente (...) numa sexta, porque sábado e domingo é por nossa conta, mesmo, facilitar uma coisa prá gente ir lá, ver como funciona, fazer umas anotações, aprender uma coisa de lá, porque eu acho que lá é a sede nossa, não é isso, tinha aqui é matriz, né?

? – Por que o pessoal tá querendo ir lá?

WS - Conhecer, muitos alegam que não conhecem. Eu pelo menos já dormi até lá, já dormi lá quando era doutor Amílcar e esse doutor Amílcar era muito popular. Eu acho que o diretor de qualquer repartição, ele tem que ser popular com os pequenos também, não é só unir com os grandes não, porque quem carrega os grandes é os pequenos, e a equipe nós somos o pessoal de apoio, técnicos de laboratório, técnicos de pesquisa é o pessoal de apoio, eu falo com base própria, porque lá no meu departamento, se a outra colega não trabalha todo mundo pára. Porque ninguém vai pegar no material, ninguém vai pegar um rato com doença de Chagas, ou câncer, até o Aids já passou por aqui prá ser inoculado (..) porque eu tou lá no laboratório, tou vendo, né? Quando começou aquele negócio do Aids, aquela coisa, como a dengue, o mosquito da dengue, a gente, então a gente vê que a área da Fundação é importante pro futuro da pesquisa, não é isso?

? - Quem começou a trabalhar com Aids?

WS - Começou pelo dr. Basiléa e depois lá pelo dr. Zigman. De vez em quando a gente queimava lá na autoclave prá poder eliminar porque 150º, meia hora, mata qualquer vírus, né?

LK - E entre os técnicos, seu Waldemar, há uma troca de experiências do que estão fazendo? Ou discussão?

WS - Não.

LK - Não, também não.

WS - E isso é interessante.

LK - O senhor, eu conheço de sua pesquisa...

WS - Eu tinha muita vontade de trabalhar em laboratório do Naftale [Katz], na parte de esquistossomose, de dosar porque eu não sou tão tapado assim porque eu entendo, que eu mexia com esquistossomose também, no campo com a doutora Lina, que era sinceramente, não sei onde ela anda mais, era uma grande pesquisadora.

LK - Ela tá em Manguinhos.

WS - Ela tá em Manguinhos agora? Que beleza, então é fácil de a gente ver ela, então, né?

LK - É, ainda dá prá ver.

WS - Porque ela, me lembro, porque hoje eu tou com mais de 60, ela deve ser mais velha que eu, porque quando eu entrei prá esse, ela já tava, mais a idade a pessoa que trabalha tá sempre em forma, que não pode é parar, tanto é que eu noto muito sentido nessa parte das pessoas mais idosas, que às vezes é incentivado manter eles trabalhando do que parar de uma vez morre, né, eu penso assim.

ET - É vai funcionando, né?

WS - Eu encontro as pessoas, aqui da Fundação, os caras que eram da Fundação, os primeiros que vieram fundar, que eu trabalhei com muitos cobrões aqui o Wilson Marinho, o doutor Aprígio que era da SUCAM, trabalhei com ele também, era um tremendo gozador, mas um camarada legal, a gente sabia, sentava na mesa e conversava, que faz parte da sabedoria, tem que sentar na mesa e conversar, entendeu? O diretor que se tranca na sala e não quer comunicar, porque hoje em dia nós estamos numa época de comunicação, é uma coisa social, é uma coisa que eu falo, eu vejo quem não se comunica se trumbica, não é? Tem que ter um diálogo com todo mundo, então se acontecer novo tem que dedicar muita coisa na área de pesquisa, na parte da administração, não é, não tem mais esse negócio de machismo não, né, tem que, né, se comunicar.

ET - O senhor falou que sempre quando muda o governo muda a direção, né?

WS - Sempre muda.

ET - E isso atrapalha muito o funcionamento das pesquisas no Instituto ou não?

WS - Acho que muitas coisas costumam mudar, né, nova, a diretoria mudando, cada qual tem o seu sistema de trabalhar, entendeu?

ET - Mas as pesquisas já iniciadas continuam?

WS - Continuam, né.

? - Que tipo de mudança acontece quando o diretor sai?

WS - Geralmente quando troca uma diretoria, geralmente mexe com o chefe de laboratório, quando aí não se entendem bem, pára, aí muitas coisas param, entendeu? E aí não pode ser assim, tem que haver o diálogo, primeira coisa, acho que tem que ir o diretor e falar ao pessoal numa reunião, assembléia, todo mundo, tanto os pesquisadores como o pessoal de apoio, né?

ET - Mas isso atrapalha então, né?

WS - Eu acho o seguinte: às vezes eu queixo alguma coisa, por ocasião quando o meu menino teve uma doença, que ninguém descobriu e eu internei ele em particular, eu gastei... o meu interesse, na época, era descobrir essa doença dele. Eu apelei prá Fundação aqui na época, que eu acho que se está na área da pesquisa tem que se descobrir o caso. Adoeceu o menino e ninguém sabe qual a doença dele, e o menino ficou internado mais ou menos uns dois meses, e eu acho que foi um milagre até que eu apelei por aqui se aparecia prá colher o sangue dele prá fazer o exame que tava na Santa Casa, no apartamento, que a Santa Casa trata muito bem, mas os médicos lá batalhou. Quando minha patroa e eu, nós sempre tivemos muita fé, rezamos e tal, depois de dois meses, eu até considerei isso um milagre, adoece com sono, dormiu 30 dias direto; não adoentava nem nada, então quando eu lembro disso eu quase choro, porque deu no que deu, aí se não me engano era até meu chefe atual, Dr. Zigman que era diretor aqui.
A gente fica um pouco sentido, mas não guarda ódio, que a gente tem que apelar prá tudo, eu apelei, descobri qual era a doença, eu levei de carro na fundação, no Rio, também, uma menina que a gente conheceu lá, não sei, se, o problema dela era negócio de sangue também, ou comida. Então que eles tentaram lá, no fim descobriram que parece que tinha alguém que tava manipulando aquilo e a menina, eu sei que eu não lembro, eu não guardei o jornal na época, surgiu um causo, era uma menina que parece que o pai não sei se era interesse, publicidade. Então foi que eu lembrei o caso da menina aqui e tentei, tentar descobrir, fui na Santa Casa, fui puxar lá deles, né, e eu paguei o médico particular na Santa Casa, porque o INPS interna mas tinha apartamento eles deixam por conta da gente resolver com o médico lá, era o doutor Marcelo, que se não me engano era professor da Universidade, mas no final quando ele viu que não tinha jeito mesmo ele falou, olha tem que fazer uma biópsia no menino prá descobrir a causa, quando eu fui e levei ele prá fazer cirurgia no São Lucas, que era um hospital ligado à Santa Casa, quando eu levei o meu menino, havia mais de um mês, eu notei que houve um milagre, uma cura dele instantânea, quando ....fez uma mesa-redonda de médicos, perguntou você que é o pai dele ? Sou eu. Nem o enfermeiro levou na maca, eu que levei.
Antes, aí quando eu tava chegando lá na sala de cirurgia os médicos falaram, olha, seu menino corre risco, vamos operar assim mesmo, eu falei, tá na mão de vocês, seja o que Deus quiser. Nisso meu menino pulou da maca pro chão. Ele quis voltar prá Santa Casa prá apanhar as coisas dele. Doutor Marcelo tá vivo e são aí pode até contar a história, porque da doença do menino. Daí o menino ficou curado. O braço dele ficou todo furado de tanto soro, de tanta coisa que ele tomou, né. Houve certas doenças que a gente apela prá tudo, né, menos espiritismo, né, eu não apelei pro espiritismo, porque hoje você tem gente que apela prá tudo, né? Então eu acho que tem que haver muito interesse da fundação nessa parte de doença que quando a gente tá doente, acho que eles têm que ter interesse de descobrir, que eu acho que o interesse da fundação é descobrir, novas pesquisas, novas

doenças, não é isso? Meu menino teve a doença do sono, que prova que, é um milagre o que aconteceu com ele, porque foi 30 dias de sono dele entendeu?

ET - O senhor já trabalhou com Chagas, esquistossomose, ...

WS - Esquistossomose, agora estou na [Doença de] Chagas de novo. O meu primeiro dia foi na faxina, depois almoxarifado, depois portaria, da portaria fui pro doutor Lobato, na saída dele prá Brasília, eu fui pro doutor Aprígio, que foi diretor aqui também, entendeu? E do doutor Aprígio [Abreu Salgado], fui trabalhar com o professor [Sebastião] Mariano [Batista] que era aqui na Sorologia, um trabalho do doutor Basinelli, Basinelli que hoje lá tá com a parte de contaminação, (...) qual é mesmo o nome?

LK - Imunologia.

WS - É, que muda muito assim, né, e aí trabalhei com o doutor Mariano, nisso ele voltou prá faculdade, e eu aí continuei, aí fui chamado pelo Heber, que tava na faculdade, mas trabalhava aqui também, mas depois ficou no muro, eu falo o que posso provar, ele ficou no muro não quis optar por aquilo foi prá faculdade, no entanto eles estão pior que a gente, eles ganham menos que a gente aqui entendeu? E é professor, hoje eles choram, choram, e a gente não cobra isso na cara deles porque não há necessidade, eu tou falando, porque é uma entrevista que eu estou fazendo, não é isso? Eu acho que eu tenho que falar o que sei, então muitos não ficou aqui porque teve medo, era um tiro no escuro, vinte anos de funcionário, então nós vamos passar prá CLT? Né, eu só consultei um juiz amigo meu, né, ou dois, não lembro que eles continuam na ativa até hoje, pode fazer opção e nós estamos do seu lado, né? Então eles me requerem a CLT é forte no Brasil e no mundo todo, a CLT é forte. Agora tão falando em voltar a estatutário de novo, que eu não concordo, tudo pode acontecer, né, Fundo de Garantia, é Pé na Cova que fala, nós recebemos aí, depois de 30 anos nós recebemos abono permanente, eles falam pé na cova.

LK - É, pé na cova.

WS - Da perto da morte, já, eles falam pé na cova, né. Então isso o governo vai ficar livre de pagar se for na...

LK - É, mas quando aposentar já vem a aposentadoria integral.

WS - É integral, é. Tem gente que fala que não é não, mas deve ser, né?

LK - Pelo que diz a lei, é integral.

WS - É, porque a constituinte voltou, né? Mas o governo economiza muito com isso, e se ele passar estatutário, porque deixa de pagar pé na cova, fundo de garantia, eu tenho impressão que acaba até ticket restaurante, né?

LK - É, mas uma parte do Fundo de Garantia você recebe, né?

WS - Diz que é de oito vezes, me falaram, de oito não, de quatro, eu tenho só 800, parece, ou 1000, se eu aposentar, eu recebo de quatro vezes, vai dar uns 200 por mês, tá bom, põe na poupança, tá dando 10% por cento, a gente visa sempre a melhoria um pouco, porque aposentar prá piorar, né?

LK - Só que botar na poupança também é um risco, né? Porque pô...

WS - Mas eu penso comigo assim, a minha ideia da Fundação aqui é o seguinte, também é o seguinte, se continuar igual vai, uma vez que, a chefia ....

Fim da Entrevista